



GT 20. Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital

Coordenador(es):

Débora Krischke Leitão (UQAM - Université du Québec à Montréal)

Laura Graziela F. de F. Gomes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Jair de Souza Ramos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 3

Debatedor/a: Eliane Tânia Martins de Freitas (UFRN)

Nos últimos anos, eventos políticos importantes foram concebidos e produzidos utilizando a mineração e análise de dados nas redes e motores de busca. Dados estes, pertencentes a milhões de usuários que tiveram suas informações vasculhadas, roubadas e utilizadas através de metodologias específicas por governos, partidos políticos, think tanks e empresas privadas. Para além das crises políticas e éticas desencadeadas, a euforia em torno dos “big data” reforçou a idéia implícita de que essas metodologias de pesquisa e análises utilizadas não deixariam mais lugar para outras abordagens qualitativas. Debates em torno dos “thick data” surgiram como reação a essa perspectiva, propondo que abordagens mais etnográficas das plataformas digitais são necessárias para dar conta de uma cultura digital diversificada, ao mesmo tempo global/local, incorporando a dimensão das emoções, da experiência e do significado. O presente GT tem interesse especial em reunir pesquisas etnográficas sobre diferentes modos e estilos de envolvimento com as plataformas digitais enfatizando a produção de subjetividades e exercícios imaginativos de experimentação nos cruzamentos e hibridizações com a tecnologia. As plataformas digitais divergem entre si quanto aos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação -, ao mesmo tempo em que tornam a rede heterogênea, criando obstáculos às generalizações e reduções.

24horas online - Até que ponto devemos normalizar as muitas horas seguidas de work de um streamer em busca de mais produtividade?

Autoria: Tony Bela Alves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Neste artigo irei expor uma situação que pude presenciar no meu campo de pesquisa, onde um jornalista de esportes eletrônicos, através da rede social Twitter, decide propor um debate sobre as excessivas horas de works seguidas que um streamer precisa cumprir para bater as metas exigidas dentro do seu contrato de work. Assim que este debate é proposto, diversos streamers e pessoas grandes ligadas ao mundo de esportes eletrônicos (como donos de equipes, jogadores profissionais, ex jogadores e diretores) partem para um ataque direto ao jornalista, acusando-o de tentar interferir na decisão e work do streamer. O jornalista rebate esses ataques afirmando que existem muitos streamers que, anonimamente, concordam que o debate proposto é extremamente importante e saudável, pois enxergam que estes fazem parte de um modelo predatório que prejudica não só a saúde física, como também a mental, onde muitos relataram, por exemplo, terem desenvolvido algum tipo de doença como depressão ou síndrome do pânico. Entretanto, a grande



maioria desses agentes que denunciaram o modelo hoje existente nos contratos de work e produtividade, o fazem de forma anônima, através de terceiros (ou se se calam), por receio de um linchamento virtual ou ficarem mal vistos perante grandes nomes do cenário de e-sport. Ao analisar um pouco mais a fundo os acontecimentos aqui citados, dois pontos são necessários para contextualizar a importância deste tema hoje no mundo do e-sport e também no modelo de sociedade em que estamos vivendo hoje. O primeiro, é o debate sobre a regularização do e-sport. Estão acontecendo nos últimos meses diversas audiências no congresso nacional, com representantes de toda área, para decidir se a profissão pro-player, assim como outras esferas dessa área serão regularizadas pelo Estado ou não. A segunda é a forma com que diversas plataformas estão lidando com seus ?funcionários? na questão de banco de horas, segurança de work, precarização da qualidade de vida em prol de conseguir uma renda financeira básica. Tratando seus ?funcionários? apenas como números num banco de dados e caso um desses trabalhadores desenvolva algum problema que o impeça de trabalhar ou prejudique sua qualidade de vida, existem outros para tomar o seu lugar. Então me parece que por trás de todos os números que um streamer possui dentro do seu banco de dados de alguma plataforma (como horas seguidas jogadas, dias seguidos online, metas e tudo mais), existem dezenas de informações que são muitas vezes relativizadas a ponto de deixarem de existir. E, a única forma de levar em conta essas informações que não são encontradas nos ?dados da plataforma?, é através de uma extensa pesquisa qualitativa e um work de campo intenso.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: